

A PROSTITUTA BABILÔNIA – LEITURA DE APOCALIPSE 17 E 18

Johan Konings

Resumo

O artigo faz uma leitura dos capítulos 17 e 18 do Apocalipse no contexto do atual domínio exercido pelo mercado sobre a sociedade no mundo, de modo especial na América Latina, considerando igualmente o contexto que originou essas páginas. O Apocalipse não se apresenta como futurologia, mas como anúncio de uma boa notícia a realizar-se em breve: a presença (parusia) do “Senhor Jesus”. Este é o “evangelho eterno” proclamado por ocasião da queda da Babilônia. Apocalipse 17–18 é a celebração da condenação de “Babilônia”, que foi efetivada pela sétima taça em 16,19. Apocalipse 17 a associa ao nunca nomeado Império Romano, que combate “o Cordeiro” vencedor. Apocalipse 18 insere essa derrota na tradição profética sobre as grandes cidades dominadoras, principalmente, Babilônia e Tiro. O Apocalipse nos ensina a ver a figura idólatra por detrás do sistema do comércio mundial, e não precisamos de muita imaginação para ver a mesma coisa hoje.

Palavras-chave: Profetismo. Prostituição. Babilônia. Império Romano. Cordeiro. Economia.

Abstract

The article proposes an interpretation of the 17th and 18th Chapter of the Book of Revelation within the context of domination imposed by market rules presents the society, particularly on Latin America, which became the text’s fundamental purpose. The Book of Revelation does not present itself as futurology, but rather as the announcement of good news which are about to take place: the coming (parusia) of the “Lord Jesus”. This is the “Eternal Gospel” proclaimed within the occasion of Babylon’s fall. Both Chapters are the celebration of the condemnation of “Babylon”, that took place as a result of the seventh cup in 16,19. Rev 17 associates it to the never mentioned Roman Empire that battles against the victorious “Lamb”. Rev 18 inserts this defeat within the tradition of the regarding about the great dominant cities, mainly Babylon and Tyre. The Book of Revelation teaches how to see the idolatrous figure behind the system of present world trading

system, and how it is not necessary much imagination to see the same realities occurring today.

Keywords: *Prophetism. Prostitution. Babylon. Roman Empire. Lamb. Economy.*

Procuraremos fazer uma leitura dos capítulos 17 e 18 do Apocalipse no contexto do atual domínio exercido pelo mercado sobre a sociedade no mundo, de modo especial na América Latina, considerando igualmente o contexto que originou essas páginas. Não discutiremos a identidade do autor (chamado João, Ap 1,1.4.9; 22,8), nem a questão das sucessivas fases composicionais do Apocalipse. Reconhecendo a probabilidade de um processo evolutivo na composição e apesar das redundâncias barrocas que caracterizam a obra, consideramo-la suficientemente consistente, em sua forma atual, para que se possa captar o sentido primeiro da obra, aquele que se apresentou aos primeiros destinatários.

1. O enredo do Apocalipse

É difícil esquematizar a narrativa do livro do Apocalipse. É construída como uma espécie de fuga musical, as diversas visões fluindo naquelas que seguem, ou, como disse Jacques Ellul, como uma arquitetura em movimento. Contudo, podemos mostrar as grandes linhas desse movimento:

1,1–1,8: apresentação do livro e saudação do autor

visões introdutórias

1,9–3,21: visão das sete igrejas (as cartas)

4,1–5,14: o trono celeste, o livro e o Cordeiro

os três septenários de sinais

6,1–12: os **sete selos** (*menos um*)

7,1–17: *intervalo*: os eleitos e os mártires

8,1–9,21: no lugar do sétimo selo, as **sete trombetas** (*menos uma*)

10,1–11,14: *intervalo*: o tempo do testemunho

11,15–19: anúncio da sétima trombeta, mas aparece:

12,1–13,18: visão da Mulher e do Dragão

14,1–15,8: vitória do cordeiro e anúncio da vindicta sobre Babilônia, a grande.

16,1–21: as **sete taças**: *completa-se o 3 x 7* (7ª taça: a prostituta Babilônia)

visões finais

17–18: o anjo da 7ª taça mostra Babilônia destruída

19,1–21,8: vitória final e juízo, reino de mil anos, novos céu e terra, Jerusalém do céu

21,9–22,6: o anjo da 7ª taça mostra a Jerusalém celeste

22,7–21: encerramento da liturgia e do livro

O conjunto do livro encontra-se envolvido numa *inclusão* que liga, pelo tema eclesial e pela repetição dos mesmos simbolismos, a visão inicial das sete igrejas com as visões finais dos novos céus e terra e da nova Jerusalém.

Depois das visões das igrejas (Ap 1–3) e do trono e do Cordeiro (4–5), anuncia-se a visão dos sete selos do livro que é confiado ao Cordeiro (6,1). Esta visão anuncia, na realidade, o conteúdo do livro, a história da comunidade do Cordeiro no mundo, representada pelos três septenários de “sinais” que constituem a estrutura básica de Ap 6–16, com extensão nas visões finais (cf. o anjo da sétima taça em 17,1 e 21,9).

No primeiro septenário (os sete selos), a sequência é interrompida depois do sexto selo, para mostrar o que está acontecendo no céu: os eleitos e os mártires (7,1-17). Na hora de abrir o sétimo selo, acontece um silêncio de meia hora (um tempo provisório). O espaço do sétimo selo fica aberto para ser preenchido por uma nova sequência, a das sete trombetas, a qual, por sua vez, estanca na sexta (9,13-21). O espaço da sétima trombeta é ocupado, primeiramente, pela visão do anjo e do livrinho (10,1-11). O livrinho, lembrando Ezequiel 2–3, representa a mensagem do profeta. Demorando-se no imaginário ezequieliano, o visionário mostra a medição do Templo (cf. Ez 40–41), que serve para dizer que as nações vão ainda calcar aos pés a Cidade Santa durante quarenta e dois meses, isto é, três anos e meio (a metade de sete, que seria a plenitude do tempo). Essa pausa é o tempo do martírio: as “duas testemunhas”, que lembram Zacarias 4,3.11-14 e têm traços de Elias e de Moisés (8,6). E é também o tempo da comunidade, que vive na espera da parusia imaginada como iminente, devendo acontecer em breve.

Quando então, em 11,14, se anuncia a sétima trombeta (que seria também a abertura do sétimo selo), o olhar se eleva, primeiro, para a liturgia celestial. Depois disto, aparece a grande visão central do Apocalipse: a Mulher e o Dragão (12–14), culminando na visão celestial do Filho do Homem, que, na apocalíptica daquele tempo, representa do juízo de Deus (14,14-17). A execução do juízo é, em seguida, representada pelas sete taças da ira (15–16). Esta visão não para no número seis, como nos dois septenários anteriores, mas é completada até o número sete, sugerindo também a completude dos septenários anteriores. A plenificação do número sete pela sétima taça significa “o fim da história”, expresso numa única palavra, *gegonen*, “feito está” (16,17)¹.

Voltando um pouco atrás, consideremos com mais atenção os repetidos adiamentos que o autor usa para protelar o arremate dos septenários. Enquanto os seis selos e as seis trombetas já efetivados evocam principalmente temas tradicionais, que misturam desde “sinais” do êxodo a desastres e cataclismos de todos os tempos (presentes também em outros livros da apocalíptica judaica), os adiamentos nos capítulos 1–14 parecem conter alusões históricas bem concretas, relativas

1. Surpreendente lembrança do *consummatum est* no evangelho de João (Jo 19,30).

ao tempo do leitor. Falam dos eleitos, dos mártires, dos profetas, da comunidade resistente, da Besta-Fera – que o leitor é convidado a decifrar mediante o código 666 – e de seu expoente ideológico, a segunda fera. Ou seja, os adiamentos, com inclusão da grande visão central do Dragão e da Mulher, falam-nos da história concreta da comunidade na terceira geração dos seguidores do Cordeiro. Falam do momento que a exegese histórico-crítica denominou “a demora da Parusia”. Aqui convém lembrar que “apocalipse” significa “revelação”. O Apocalipse é a revelação de que “eu venho sem demora” (2,16; 3,11; 22,7.12.20)² e exorta a comunidade à fidelidade e à resistência no tempo da demora, tempo da profecia plenificada (daí tantas citações!), tempo da perseguição (o Dragão e Mulher) e do martírio (as duas Testemunhas), situado no presente histórico concreto, o tempo do 666 original, Nero, e de sua duplicata, Domiciano.

Voltando à consideração geral da narrativa, encontramos a consumação dos três septenários, a plenitude do tempo, que é a vitória do Cordeiro – aliás, já garantida desde sua apresentação como “imolado e de pé” (5,6). O derramamento das sete taças da ira e do juízo significa a plenitude, o arremate do tempo final. Na sétima taça, apresenta-se a destruição da Grande Cidade, Babilônia, a Grande (16,19).

Esta figura é mencionada pela primeira vez em 14,8, logo depois da visão da Mulher e do Dragão, e reaparece diversas vezes nos capítulos seguintes (16,19; 17,5; 18,2.10.21). De fato, a partir do capítulo 12 entram em cena, no Apocalipse, as figuras da Mulher, do Dragão, da Fera e da anti-Mulher Babilônia, para ficar no palco até o fim. A grande Cidade, também chamada de prostituta Babilônia, marca presença até reaparecer a figura da Mulher como a Jerusalém celeste, Esposa do Cordeiro, com a qual aparentemente contracenam.

Em Ap 17–18, ampliando a visão da sétima taça³, o arremate da história é pintado numa genial combinação dessa anti-Mulher com a Fera, sobre a qual ela está sentada. Embora não haja correspondência perfeita em todos os detalhes, o quadro sugere com suficiente clareza que o leitor deve entender os capítulos 17–18 como a inversão dos capítulos 12–13. Enquanto em 12–13 a Mulher é perseguida pelo Dragão e suas Feras, em 17–18 a anti-Mulher, associada ao Dragão, é vencida e castigada. É nesta perspectiva que analisaremos, adiante, o texto dos capítulos 17–18.

Antes de entrar na análise dos capítulos 17–18 propriamente, convém observar que a derrota e castigo da prostituta Babilônia não é o final do livro. Temos de ler o Apocalipse como uma narrativa única. Emoldurado no quadro inicial e final das comunidades (capítulos 1–3 e 21–22), narra, antes de mais nada, a vitória

2. Cf. DELORME, Jean. *L'Apocalypse de Jean I: révélation pour le temps de la violence et du désir: chapitres 1-11*. Paris: Cerf, 2010.

3. Assim como, antes, se ampliaram o sexto selo e a sexta trombeta.

do Cordeiro, que é “o fim da história” (caps. 4–20). O castigo da prostituta não é o resultado final, o desenlace, mas faz parte da intriga. O interesse da narrativa não é mostrar o castigo da Babilônia, mas a vitória do Cordeiro. A derrota do Dragão e da Prostituta é, no esquema apocalíptico, a eliminação do obstáculo que “detém” (cf. 2Ts 2,6-7) a vinda de Jesus.

Quem diz que matou a cobra deve mostrar a cobra e o pau com que a matou! Apresentar o Cordeiro como “vencedor” exige mostrar o vencido, mas o leitor não deve ficar parado definitivamente diante desse detalhe! Narrativamente, a descrição do vencido significa que os obstáculos estão sendo vencidos, radicalmente. É assim que devemos compreender a cena da prostituta Babilônia: como eliminação dos obstáculos para a efetivação da já decidida vitória do Cordeiro e para a conseqüente realização da promessa inicial, a presença de Jesus junto aos que, com perseverança, o esperam. Entre as imagens que evocam este “final feliz” temos o reino de mil anos, que culmina na eliminação de toda a iniquidade (Ap 20), E então pode aparecer a visão supra-histórica do novo céu e da nova terra, com a Jerusalém celeste (Ap 21–22).

2. O mundo do texto

O Apocalipse cria seu próprio mundo, não importa que seja real, irreal ou “surreal”⁴. É o mundo de uma assembleia litúrgica, em que o profeta, chamado João (1,4.9), anuncia as suas visões, para reconfortar sua comunidade. Eis alguns elementos que fazem pensar numa assembleia litúrgica: a “bem-aventurança” do leitor (= preleitor) e de seus ouvintes (1,3); a referência ao “dia do Senhor” (1,10); o final litúrgico, com a bem-aventurança dos que “guardam” as palavras da “profecia” e o Maranata dirigido a Jesus que vem (22,6-20); e, sobretudo, os repetidos hinos que se intercalam com as visões. Neste quadro litúrgico, o profeta da comunidade proclama sua “profecia” (1,3; 22,7.10.18.19). Esta profecia é palavra inspirada (19,10), anunciando a vinda de Jesus em breve – mas não é futurologia. É, antes, um apontar dos sinais do tempo, pois a maioria das coisas que são evocadas já aconteceu ou está acontecendo, inclusive bem perto, no Império Romano. É neste tempo litúrgico, ao mesmo tempo contemporâneo e extratemporal, que devemos “ver” as visões que o profeta revela aos destinatários.

3. O mundo real atrás do texto

Para apreciarmos melhor a atmosfera em que o visionário apresenta sua “profecia”, convém inteirarmo-nos de alguns conhecimentos a respeito do contexto histórico do Apocalipse, especialmente em relação à temática da Babilônia.

4. Como o sertão da obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*. O surrealismo, no sentido original do termo, muito influenciou a Guimarães Rosa. Questionados a respeito de suas obras picturais e literárias, os surrealistas e realistas mágicos responderiam: “Não é bem real, é mais que real, é sobre-real” (em francês, à analogia de “naturel/surnaturel”, se faz o jogo de palavras “réel/sur-réel”).

Podemos imaginar que o texto representa uma extensa “profecia”, proferida durante a celebração no início do dia do Senhor (Ap 1,10), ou seja, na noite de sábado para domingo, o primeiro dia da semana. Provavelmente o texto sintetiza uma prática repetida de proclamação de tais visões⁵, uma memória do grande visionário, posta por escrito para ser apresentada também em outras circunstâncias, quase como um teatro⁶.

O Apocalipse não foi escrito para leitura privada, para se ler no ônibus indo ao trabalho... É uma obra exemplar para imaginarmos o habitat original da Bíblia: a sinagoga, a preleção e a liturgia comunitária. Ter uma Bíblia em casa só se tornou possível depois da invenção da imprensa, a “galáxia Gutenberg”⁷.

Que é, nesse contexto, a profecia? Profecia não é futurologia, é um carisma que leva uma pessoa inspirada (*nabi*) a proclamar algo que vem de Deus (segundo a compreensão dela mesma e do destinatário). O Apocalipse não se apresenta como futurologia, mas como anúncio de uma boa notícia a realizar-se em breve: a presença (*parusia*) do “Senhor Jesus”. Este é o “evangelho eterno” proclamado por ocasião da queda da Babilônia (14,6). A maioria das imagens que o Apocalipse evoca são referências às antigas Escrituras, principalmente dos profetas apocalípticos Ezequiel, Daniel, Zacarias, mas também de Amós, Isaías e outros. Não são coisas novas, mas coisas antigas, que agora recebem seu cumprimento, seu sentido pleno. A novidade histórica encontra-se nas passagens atualizadoras que falam do tempo do testemunho e do império das Feras, nitidamente associadas ao Império Romano (666), mas isso é apenas uma das atualizações possíveis, válida para o tempo do leitor original, porém, sujeita a reatualização em outros tempos...

Outro elemento a ser contemplado melhor é a “cidade”. Não devemos projetar nesta imagem, precipitadamente, uma compreensão negativa da cidade, estilo cidade *versus* campo, que talvez em outras partes da Bíblia seja relevante, mas não aqui. O centro do novo céu e da nova terra é uma cidade, a Nova Jerusalém. Podemos supor que o mundo do destinatário do Apocalipse era a cidade: as cidades das sete cartas e, principalmente, a Cidade da qual ele saiu, mas que não saiu dele: Jerusalém. Nada permite uma compreensão negativa da cidade como tal, ainda que as cidades *de facto* (representadas pelas sete cidades das cartas) não sejam um paraíso – somente a Jerusalém Celeste é isto. O mundo do visionário e

5. Uma análise de possíveis camadas literárias poderia mostrar isso melhor.

6. O teatro fazia parte da cultura das primeiras gerações cristãs, geralmente gente de raiz judaica, porém, vivendo nas cidades comerciais do mundo greco-romano (no caso, em torno de Éfeso, a metrópole à qual se dirige a primeira das sete cartas; cf. 2,1).

7. Conforme o livro de Marshall McLuhan, *The Gutenberg Galaxy*. Este fator foi aproveitado pela Reforma protestante, mas que pode ter causado, sob o pretexto do livre-exame, certo individualismo, que levou ao racionalismo por um lado e ao fundamentalismo por outro. Não estará a Bíblia sendo cultivada fora de seu habitat e, até talvez, geneticamente modificada?

de seus ouvintes situa-se na cidade, o lugar da comunidade, da crise e da perseverança. Do campo quase nem se fala.

E por que Babilônia? Porque esta cidade foi o grande opressor no tempo em que as Escrituras foram codificadas, durante e depois do exílio babilônico⁸. No Antigo Testamento aparecem também a Assíria e o Egito como centros do poder opressor. A Pérsia, pelo contrário, praticamente nunca é mencionada nessa qualidade, e foi exatamente sob os persas, e com a anuência deles, que a Bíblia Hebraica recebeu sua atual composição literária e se tornou a base do culto sinagoga; Esdras e Neemias eram funcionários judeus do Império Persa. O que nos interessa aqui é que a Babilônia foi “o último ditador” antes da composição substancial⁹ das escrituras judaicas, realizada pelos que voltaram do exílio babilônico e seus sucessores imediatos. O gosto ruim da Babilônia ainda lhes estava na boca. Assim, se alguma cidade pudesse ser símbolo da oposição ao projeto de Deus, era Babilônia. Sujeita, aliás, a futuras reencarnações... A identificação da cidade de Babilônia com Roma era difundida entre os primeiros cristãos, como mostra 1 Pedro 5,13.

4. Leitura de Apocalipse 17–18¹⁰

Ap 17–18 pode ser visto como uma ampliação cena da visão da última das sete taças, Ap 16,17-21. O foco se estreita em torno da figura principal deste trecho: Babilônia, a Grande Cidade (cf. 16,19).

17¹ Então, um dos sete anjos das sete taças convidou-me: “Vem! Vou mostrar-te a condenação da grande prostituta que está sentada à beira de águas abundantes. ² Os reis da terra prostituíram-se com ela, e os habitantes da terra embriagaram-se com o vinho de sua prostituição”. ³ E o anjo me levou em espírito ao deserto, e eu vi uma mulher montada numa fera de cor escarlate, que estava cheia de nomes blasfemos e tinha sete cabeças e dez chifres. ⁴ A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. ⁵ Na

8. Observa E. Gerstenberger no seu estudo, de leitura obrigatória, sobre Israel no tempo dos persas: “As maldições proféticas sobre a Babilônia atestam uma opressão brutal e uma resistência desesperada. Cf. Is 13; 14; 21; 47; Jr 25; 50; 51, Zc 5. Também os salmos (cf. Sl 137) e algumas narrativas (cf. Gn 11,1-9) refletem ódio e desconfiança contra o poder mundial da Babilônia”. GERSTENBERGER, E. *Israel in de Perserzeit*: 5. und 4. Jahrhundert v. Chr. Stuttgart: Kohlhammer, 2005, p. 24, n. 354 (tradução em preparação para a Coleção Bíblica Loyola, com o título: *Israel no tempo dos persas*).

9. Por composição substancial entendemos a coleção das tradições em forma de grandes conjuntos que substancialmente correspondem aos atuais livros, principalmente a *torah* (lei) e os *neviim* (profetas anteriores e posteriores). Essa composição deu-se praticamente toda sob o Império Persa, entre 538 e 330 aC, a “pax persica”. A composição substancial dos outros escritos (os *ketuvim*) demorou um pouco mais.

10. Tradução própria, baseada na tradução da CNBB.

fron­te da mul­her es­ta­va es­cri­to um no­me com sen­ti­do se­cre­to: “Babilônia, a gran­de, a mãe das pro­sti­tu­tas e das abo­mi­na­ções da ter­ra”.⁶ Re­pa­rei que a mul­her es­ta­va em­bri­a­da com o san­gue dos san­tos e com o san­gue das tes­te­mun­has de Je­sus. E a vi­ção des­sa mul­her de­ixou-me pro­fun­da­men­te ad­mi­ra­do.

As pri­mei­ras li­nhas re­to­mam al­guns mo­ti­vos do des­pe­jo da sétima taça (16,17-21). À “taça com o vi­nho do fu­ror de sua ira [de Deus]” (16,19) cor­res­pon­dem as ex­pres­sões: “os ha­bitan­tes da ter­ra em­bri­a­ra­ram-se com o vi­nho de sua pro­sti­tu­ção” (17,2) e “cálice de ou­ro cheio de abo­mi­na­ções, as imun­di­cias da sua pro­sti­tu­ção” (17,4). Tam­bém o no­me de Babilônia, a Gran­de (17,5), já foi men­ci­o­na­do (14,8; 16,19).

Acentua-se e, em 17,1-6, o tema da pro­sti­tu­ção, que o ou­vin­te as­si­duo dos tex­tos pro­fê­ti­cos in­ter­pre­tará fa­cil­men­te como a ido­latria li­ga­da ao po­der in­jus­to, à ma­neira dos cul­tos da fecun­di­dade (Astarte) e da ri­queza (Moloc) dos cananeus e de ou­tros povos pa­gãos, cri­ti­ca­dos pelos pro­fe­tas. Ex­pli­ca-se, tam­bém, que o no­me de Babilônia é um no­me se­cre­to (17,5), um co­di­no­me que en­cobre ou­tra iden­ti­dade¹¹. O ou­vin­te se lem­brará de ou­tro có­di­go, o 666 (13,18). Mas o co­di­no­me “Babilônia” po­de valer para di­ver­sas en­ti­da­des. Esta “mul­her” (mes­mo ter­mo que a mul­her-po­vo de 13,1) está em­bri­a­da com o san­gue dos san­tos e das “tes­te­mun­has” (em gre­go, o mes­mo ter­mo que mártires).

A as­so­cia­ção aos po­de­res do Im­pério e dos reinos do mun­do é evi­den­te: a Pro­sti­tu­ta está as­sen­ta­da sobre a fera de cor es­carlate, que evoca ao mes­mo tempo o fogo, o san­gue dos mártires e os man­tos dos coman­dan­tes mi­li­tares ro­ma­nos (17,3), está ves­ti­da com a púr­pura dos so­beranos e usa en­feites ré­gios (17,4). Os no­mes blas­fê­mos e os dez chifres da fera lem­bram o rei siro-helenista An­tió­co Epí­fa­nes como re­presen­ta­do cri­pti­ca­men­te em Daniel 7,7-8¹². O pró­prio vi­si­o­nário, ad­mi­ra­do, re­cebe e trans­mite a ex­pli­ca­ção (17,7).

⁷ Disse-me então o anjo: “Por que estás admirado? Vou explicar-te o sentido secreto da mulher e da fera com sete cabeças e dez chifres, que a carrega. ⁸ A fera que viste existia, mas não existe mais. Ela está para subir do abismo, mas caminha para a perdição. E aqueles habitantes da terra cujos nomes não foram, desde a criação do mundo, inscritos no livro da vida, eles vão se surpreender ao verem que a fera existia, não existe mais e tornará a existir. ⁹ Aqui cabe a inteligência perspicaz: as sete cabeças são sete montanhas sobre as quais a mulher está sentada, mas são também sete reis. ¹⁰ Cinco deles já caíram, o sexto está aí, o sétimo ainda não veio, e quando vier, deve durar pouco tempo. ¹¹ A fera que existia e não existe mais é o próprio oitavo rei, mas é também um dos sete, e está indo para

11. Já lem­bra­mos, aci­ma, que o no­me não era tão se­cre­to as­sim: 1Pd 5,13.

12. As vi­ções de Daniel re­fe­rem-se não ao tempo dos babilônios, mas aos sírios de quatro séculos mais tarde.

a perdição. ¹² E os dez chifres, que viste, são dez reis que ainda não receberam reinado, mas receberão por uma hora o poder de reinar junto com a fera. ¹³ Estes reis estão de comum acordo para dar sua força e poder à fera. ¹⁴ Eles vão combater contra o Cordeiro, mas o Cordeiro, Senhor dos Senhores e Rei dos reis, os vencerá, e também serão vencedores os que com ele são chamados, e eleitos, e fiéis. ¹⁵ O anjo disse-me ainda: “As águas que viste, onde está sentada a prostituta, são povos e multidões, nações e línguas. ¹⁶ E os dez chifres, que viste, como também a Fera, vão odiar a prostituta e a deixarão desolada e nua, comerão as suas carnes e a queimarão com fogo. ¹⁷ Pois Deus os incitara a executarem o plano dele, entregando de comum acordo sua realeza à Fera até se cumprirem as palavras de Deus. ¹⁸ E a mulher que viste é a grande cidade, que exerce a realeza sobre os reis da terra”.

A explicação não deixa de ser críptica, mas a bom entendedor meia palavra basta! A fera, que foi eliminada e que, depois, para admiração dos “que não estão no livro da vida”, voltou à vida, é o imperador Nero (16,8). Com o mesmo apelo à sagacidade (a *hokmah* da tradição profético-sapiencial) invocada em 13,18, o ouvinte é convidado a reconhecer o habitat da fera: a cidade das sete colinas, Roma. Mas o mesmo “código secreto” pode também indicar a sequência histórica dos sete imperadores desde César Augusto. O sexto está em vigor, Vespasiano (69-79). O sétimo, Tito, foi de curta duração (79-81), e já se anuncia um oitavo que é também um dos sete, a saber, Nero redivivo: Domiciano (81-96)¹³. Os dez chifres da fera são reinterpretados como reis que fizeram com ela um pacto para lhe entregar seu poder. Reis vassalos? Talvez. De toda maneira, são destinados a serem vencidos pelo Cordeiro e seus fiéis.

São interpretadas também as águas que circundam a figura feminina e a fera: o mundo mediterrâneo do Império Romano. Evoca-se a revolta dos reis vassalos, como em alguns casos já se verifica no fim do primeiro século cristão. A imagem, nua e crua, vem de Ezequiel 16,39-41. E então, com maior clareza ainda, é evocada a cidade de Roma, não, porém, mediante seu nome próprio e sim mediante a alusão a seu domínio sobre os reis da terra, assim como antigamente era o poder de Babilônia (Ap 17,18).

Em 18,1, o texto abre uma nova visão, que é a continuação da anterior. Descreve em tom profético-poético o esmorecimento e morte de Babilônia, a Grande.

18 ¹ Depois disso, vi outro anjo descendo do céu. Tinha grande poder, e a terra ficou toda iluminada com a sua glória. ² Ele gritou com voz poderosa: “Caiu! Caiu Babilônia, a grande! Tornou-se antro de demônios, abrigo de todos os espíritos maus, abrigo de aves impuras e nojentas. ³ Pois ela

13. A questão se o Apocalipse é do tempo de Nero ou de Domiciano é de importância menor, visto que parece sintetizar uma prática profética repetida.

embriagou todas as nações com o vinho do furor de sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra, e os comerciantes da terra se enriqueceram com seu luxo fastuoso”.

A visão traz o “comentário celestial” a respeito da queda de Babilônia. Em 18,2a (como em 14,8), as palavras de Is 21,8 saúdam a queda. Numerosos textos proféticos inspiram a descrição da ruína em 18,2b¹⁴. A alusão à prostituição com os reis e os comerciantes lembra Ezequiel 27, texto que reaparecerá na continuação (Ap 18,9.11.15.23).

⁴ Ouvi outra voz do céu, dizendo: “Saí dela, ó meu povo! Não sejais cúmplices dos seus pecados, nem atingidos por suas pragas. ⁵ Seus pecados amontoaram-se até o céu, e Deus lembrou-se das suas iniquidades. ⁶ Paga-lhe com a mesma moeda, restitui-lhe em dobro o que ela fez. Na taça que ela serviu, servi o dobro para ela. ⁷ O quanto ela se enchia de glória e de luxo, devolvi-lhe agora em dor e luto, pois ela dizia para si mesma: “Estou num trono qual rainha, não sou viúva, nunca conhecerei luto”. ⁸ Por isso, num só dia, as pragas a surpreenderão: morte, luto e fome. Ela será devorada pelo fogo, pois o Senhor Deus, que a julgou, é forte”.

Com elementos de Isaías e, principalmente, Ezequiel, o visionário evoca o castigo da Grande Cidade, tão repentinamente decaída. A vertiginosa decadência da Babilônia histórica, que, sem luta, caiu nas mãos do rei persa Ciro, ficara gravada na memória coletiva. Agora ela serve de figura para anunciar a perdição dos poderes ímpios que oprimem os eleitos de Deus.

São anunciadas as personagens que, a partir do v. 9, participarão do luto sobre a Babilônia: os reis e os comerciantes (18,3). Isso dá ao conjunto um tom político-econômico.

Significativo é, em 18,4, o eco da exortação de Jeremias e do Segundo Isaías incentivando a volta do exílio babilônico (Is 48,20; Jr 50,8; 51,6.45), por trás da qual reconhecemos o apelo de Moisés para que o povo saia do Egito, da casa da escravidão. Babilônia não é um lugar para o povo de Deus permanecer. Comprometer-se com “Babilônia” é renegar a vocação de povo de Deus, chamado à liberdade.

Os pecados da Babilônia dos profetas e do Apocalipse se amontoam até o céu como os de Sodoma e Gomorra (cf. Gn 18,20-21; já em Ap 11,8, a grande cidade que mata os profetas foi comparada a Sodoma e Egito). No motivo dos pecados amontoados até o céu (18,5) pode estar presente uma alusão à torre de Babel. De fato, essa torre faz pensar nos zigurates, celeiros em forma de alturas sacrificais, que deveriam levar os sacrifícios até bem perto da divindade para

14. Cf. Is 13,21-22; 34,11.13-15; Jr 50,39; 51,37; Sf 3,14-15.

aplacá-la. Mas em Gênesis 11,1-9 o efeito é o contrário... De modo semelhante, o ajuntamento de pecados de Babilônia, mencionado em 18,5, irrita a Deus.

Em Ap 18,7-8, o orgulho e repentina queda de Babilônia são lembrados por uma releitura de Isaías 47,7-9. Em Ap 18,9 segue-se, então, inspirado em Ezequiel 26–28, o irônico lamento sobre a cidade. Irônico, porque não lamenta tanto a dor que a moribunda sente, mas a perda de proveitos e vantagens, agora que a prostituta não serve mais. Podemos dividir o texto em diversas pequenas cenas, nas quais voltam, principalmente, temas do lamento sobre Tiro em Ezequiel 27. Pois, tratando-se de uma cidade que aproveita amplamente a navegação, Roma pode bem ser comparada com Tiro¹⁵. Os praticantes do luto são as diversas classes econômico-sociais: em primeiro lugar os reis, depois os comerciantes (a classe média mercantil) e em terceiro lugar os marinheiros, os trabalhadores. Cada vez a evocação do luto é encerrada pelo mesmo refrão: “Ai, ai...”.

⁹ “Os reis da terra, que se prostituíram com ela e participavam do seu luxo, ao enxergarem a fumaça do incêndio vão chorar e bater no peito.

¹⁰ Vão se manter longe dela, com medo dos seus tormentos, e dirão: ‘Ai! Ai, ó Grande Cidade! Babilônia, cidade forte, uma hora bastou para teu julgamento!’”

Os primeiros dos que choram e batem no peito (cf. Ez 27,17; tb. Ez 26,18; Jr 51,8) são os reis da terra. Em vez do luxo dos banquetes, enxergam agora a fumaça da destruição (como, em 568 aC, por ocasião da destruição pelos babilônios e, em 70 dC, pelos romanos). Não demonstram nenhuma solidariedade, mantêm-se longe... é o mundo dos poderosos de sempre, oportunistas e infieis!

¹¹ “Os comerciantes de toda a terra também hão de chorar e por causa dela ficarão de luto, porque ninguém mais vai comprar suas mercadorias: ¹² carregamentos de ouro e prata, pedras preciosas e pérolas, linho e púrpura, seda e escarlata, madeiras perfumadas de todo tipo, objetos de marfim e de madeira preciosa, de bronze, de ferro e de mármore, ¹³ canela, temperos, perfumes, mirra e incenso, vinho e azeite, flor de farinha e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, corpos¹⁶, vidas humanas. ¹⁴ Os frutos que tanto desejavas afastaram-se de ti, toda a opulência e esplendor terminaram para ti, e nunca mais se encontrarão.¹⁵ Os comerciantes de tudo isso, que à custa dela se enriqueceram, vão se manter longe, com medo dos seus tormentos e, chorando e em luto, ¹⁶ dirão: ‘Ai! Ai, ó Grande Cidade, vestida com linho fino, púrpura e escarlata, enfeitada com ouro e pedras preciosas e pérolas, ¹⁷ uma hora bastou para destruir toda essa riqueza’”.

15. A presença da profecia contra Tiro em Ez 26–28 causa um problema histórico-crítico: por um lado, Nabucodonosor, contemporâneo de Ezequiel, assediou Tiro em 585 aC (logo depois de Jerusalém), por outro, a descrição faz pensar mais na tomada de Tiro por Alexandre em 333-332 aC. Pode ter havido um rescrito do texto.

16. A Vulgata e Nova Vulgata traduzem *mancipia*, “escravos”, provavelmente com razão.

No v. 11 encontramos os comerciantes (cf. Ez 27,27.31.36), vindos de “toda a terra”, como se aplica perfeitamente a Roma. Lamentam não a cidade, mas o fim de seu comércio. A lista das mercadorias, nos v. 12-13 (cf. Ez 27,12-22), é uma imagem do comércio no Império Romano. O fim da enumeração é chocante: corpos e vidas humanas, alistados junto aos animais: alusão ao tráfico de escravos¹⁷. Parece o Navio Negroiro de Castro Alves. No v. 14 segue-se um comentário, talvez pensado na boca dos comerciantes, mas dirigido à prostituta abandonada: os tão desejados frutos se afastaram...

Como os reis (v. 10), os comerciantes mantêm-se longe (v. 15), à diferença dos de Ezequiel 17,31, que pelo menos vestem luto. De fato, de comerciantes não se deve esperar compaixão. Apenas expressam com estranhamento a rápida queda... “bastou uma hora”!

^{17b} “E todos os pilotos e navegantes, marinheiros e quantos trabalham no mar, mantiveram-se longe ¹⁸ e, ao ver a fumaça do incêndio, puseram-se a gritar: “Que cidade é igual à Grande Cidade?” ¹⁹ E deitaram cinza na cabeça, e chorando e em luto gritavam: ‘Ai! Ai, ó Grande Cidade! Com tua grandeza se enriqueceram todos os armadores. Bastou uma hora para ficares arruinada!’”.

No fim encontramos, depois dos reis e dos magnatas, os trabalhadores do comércio marítimo (cf. Ez 27,28-30). Também estes mantêm-se longe, olhando o incêndio. Repetem o lamento dos magnatas sobre a grandeza arruinada (cf. v. 17), mas com um detalhe: os marujos-operários observam que essa grandeza só serviu para enriquecer os armadores (os proprietários da navegação).

E então muda o tom. O “céu” (no singular: a corte de Deus¹⁸) é convidado a celebrar alegremente a queda de Babilônia. Anuncia-se o cumprimento do juízo de Deus, que atendeu o clamor do sangue dos mártires (cf. 6,10)¹⁹.

²⁰ – E tu, ó Céu, alegra-te por causa dela, e também vós, santos, apóstolos e profetas, pois Deus julgou a vossa causa contra ela! –

Um anjo poderoso realiza então um gesto profético: lança ao mar uma “grande mó” (*mýlinos*), simbolizando a rejeição e queda de Babilônia, “a Grande Cidade”. A imagem não é desconhecida dos evangelhos (Lc 16,2), mas a inspiração parece vir de Jeremias, só que aí não é a cidade, mas a profecia a seu respeito

17. A venda de escravos era promovida não só pelos comerciantes, mas pelo próprio império, que ressarcia os custos das guerras vendendo as populações vencidas como escravos, usando parte deles como remadores nos galeões.

18. Quando se quer designar Deus, usa-se geralmente o plural “os Céus”, correspondendo ao hebraico *shaim*).

19. O clamor por justiça da parte do sangue, que, conforme a visão bíblica, é propriedade de Deus: cf. textos como Dt 32,43, 2Rs 9,7; Sl 79,10.

que é, simbolicamente, amarrada a uma pedra e lançada ao mar (Jr 6,63-64): Babilônia será apagada, “nunca mais será encontrada”, não estará mais aí.

²¹ E um anjo poderoso levantou uma pedra do tamanho de uma grande mó e atirou-a ao mar, dizendo: “Com a mesma força será atirada Babilônia, a Grande Cidade, e nunca mais será encontrada”.

Segue-se, então, em tons poéticos, a elegia sobre a desaparecida:

²² “E o som de harpistas e músicos, de flautistas e trombetistas, em ti nunca mais se ouvirá; e nenhum artista de arte alguma em ti jamais se encontrará; e o som do moinho em ti nunca mais se ouvirá; ²³ e a luz da lâmpada em ti nunca mais brilhará; e a voz do noivo e da noiva em ti nunca mais se ouvirá, porque os teus comerciantes eram os grandes da terra, e com tua magia enfeitiçaste todas as nações. ²⁴ E nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram imolados sobre a terra.”

A inspiração literária destes versículos vem, principalmente, da profecia contra Tiro, de Ezequiel 26, e do “grande apocalipse” de Isaías 24–27²⁰. No v. 22, o som da música lembra Isaías 24,8 e Ezequiel 26,13. A voz dos esposos, no v. 23, lembra Jeremias 7,34; 16,9; 25,10. Os magnatas e comerciantes encontram-se na profecia contra Tiro de Isaías 23,8; as feitiçarias da sedução, em Naum 3,4 (cf. Is 47,9). No fundo do v. 24 ressoa Jeremias 51,49: Babilônia deve cair, porque por ela caíram os traspassados de toda a terra. Babilônia é uma grandeza universal.

Resumindo, podemos dizer que Apocalipse 17–18 é a celebração da condenação de “Babilônia”, que foi efetivada pela sétima taça em 16,19. Apocalipse 17 a associa ao nunca nomeado Império Romano, que combate “o Cordeiro” vencedor (16,13-14). Apocalipse 18 insere essa derrota na tradição profética sobre as grandes cidades dominadoras, principalmente, Babilônia e Tiro.

5. À frente do texto, uma mensagem para nós, hoje

Apocalipse 17–18 inspirou interpretações de oposição confessional ao papado de Roma. Bem mais fundada no texto, porém, e de relevância atual, é a crítica da riqueza. O texto de Apocalipse 17–18 situa-se na linha do profetismo social, que percebe a ligação entre a exploração social e o culto falso. Por outro lado, revela também forte influência da teologia da transcendência e da soberania de Deus no seu desígnio a respeito do mundo, da qual o profeta “sacerdotal”, Ezequiel, é o arauto. Mas, se os profetas proclamam a ação soberana de “Javé

20. A identificação da cidade destruída de Is 24 é discutida, mas conforme tudo indica não é do tempo do (primeiro) Isaías. Pode referir-se a Babilônia, a Tiro ou a alguma outra cidade.

só”, o Apocalipse de João inclui a participação do Filho, aqui chamado “o Cordeiro”, que resgata seus fiéis para Deus na luta contra os poderes que oprimem a humanidade e perseguem os seguidores do Cordeiro. Evidentemente, essa crítica à opressão deve ser entendida à luz da mensagem principal, que é a vitória do Cordeiro e a “revelação” da certeza de sua vinda em breve.

Exatamente este ponto exige uma reflexão mais aprofundada.

As visões de Apocalipse 17–18 não visualizam tanto o poderio militar, que já foi focalizado em alguns textos anteriores (por exemplo, Ap 9,1-12), mas a dimensão econômica, à qual também a visão da Fera, em 13,16-17, faz alusão. Este traço convida a uma atualização para os dias de hoje. Não que o Apocalipse queira ser uma análise científica do sistema econômico, como tampouco nossa reflexão atualizadora o será, mas uma leitura dos sinais do tempo no âmbito da organização econômica. O Apocalipse nos ensina a ver a figura idolátrica por detrás do sistema do comércio mundial, e não precisamos de muita imaginação para ver a mesma coisa hoje.

Vale a pena pesquisar na internet, por exemplo, a cidade de Dubai. Por sinal, não muito longe – uns mil quilômetros – da antiga Babilônia. Loucuras de construção. Marinas, ilhas artificiais em forma de palmeira. A torre Burj Khalifa, de mais de 800m de altura (ainda bem que dispõe do elevador mais rápido do mundo). Apartamentos giratórios, edifícios em forma de rosca, de chama etc. Pena que esse espetáculo só se enxerga bem desde o avião. O que não deixa de ser lógico: é para saudar os casais voadores que lá vão passar sua lua de mel na cama testada por outras supostas celebridades em noites anteriores.

De onde vem e para onde vai todo aquele dinheiro, em regiões desérticas, que não produzem nada a não ser petróleo. Dinheiro lavado, sonogado aos impostos que deveriam servir para investimentos sociais em tantos países. Entretanto vemos no mundo inteiro favelas e *slums* se alastrando, com escolas e hospitais que, embora já pagos, nunca ficam acabados, talvez nem construídos... Lá, naquele “outro mundo”, você pode usar as drogas mais refinadas, com vista panorâmica sobre o Golfo Pérsico, enquanto aqui os nossos pobres têm de usar seu crack com a cara sobre o esgoto e o lixo...

À beira do precipício do esgotamento de matérias-primas, da água potável, da biodiversidade, da previdência social, dos fundos de aposentadoria... usar para mero luxo recursos que poderiam servir para o necessário, inclusive para repensar a organização dessa sociedade insustentável, faz subir um clamor até o céu, sem precisar de uma torre de 800m.

O Dubai das torres giratórias é um símbolo, como o foi a antiga cidade de Babel com sua torre e seus jardins suspensos. Como símbolo, porém, remete a algo mais abrangente, a uma realidade que nossa visão não consegue englobar.

O Apocalipse associa a Prostituta e a Fera ao Dragão, o monstro de dimensões supra-humanas e supra-históricas²¹. Babilônia evoca uma realidade de todos os tempos, e da qual sempre se deve desconfiar. Mas a mensagem principal aponta para a adesão a Cristo e para a experiência de Deus nele, realidade invencível. O Apocalipse apresenta em forma narrativa o tema fundamental da fé cristã. Narra, no gênero da visão profética, o que implica a fé em Jesus Cristo: servir a Deus no séquito do Cordeiro e não fazer de sua vida uma servidão a Babilônia, por mais que seu brilho seduza o mundo.

Johan Konings

FAJE

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 Belo Horizonte/MG (Brasil)
konings@faculdadesjesuita.edu.br

21. No cap. 13, o Dragão evoca o nível supra-histórico, as duas Feras sua encarnação histórica no imperador Nero e seu sistema de propaganda.